ARTE, ESCRITA E FEMINISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE TRAJETÓRIAS E PROTAGONISMO FEMININO.

Nome sobrenome: Juliana Sant' Anna Barros; Aleuza Ferrari de Souza Cirqueira; Eduarda Camargo Bueno e Mariana Amanda Reami. Instituição de origem do(s) autor(es): UFSCar - Universidade Federal de São Carlos Eixo temático: 04 – Educação de Jovens e Adultos E-mail do primeiro autor: julianabarros@estudante.ufscar.br

Palavras-chave: Feminismo. Educação de Jovens e Adultos. Práticas Dialógicas

Resumo O presente relato de experiência teve como objetivo trabalhar autobiografias e valorizar a presença feminina na literatura e na sociedade, além de estimular o pensamento crítico e reflexivo por meio de atividades que abordam autoras relevantes como Maria Carolina Maria de Jesus, Bell Hooks e Frida Kahlo. Realizado pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e vinculado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola municipal do estado de São Paulo. A experiência ocorreu em uma turma de primeiro e segundo módulo da Educação de Jovens e Adultos, composta por seis estudantes, entre 40 a 60 anos, majoritariamente mulheres, ao longo do mês de março de 2026, em alusão ao Mês da Mulher. As ações foram planejadas e executadas por pibidianas, envolvendo a apresentação de mulheres relevantes, destacando suas contribuições para a literatura e para a construção do pensamento crítico. O desenvolvimento das práticas favoreceu o engajamento das estudantes, que se reconheceram nas temáticas propostas, ampliando sua participação e expressão. Como resultados, observou-se o fortalecimento do interesse pelas discussões, a ampliação do repertório cultural e a valorização da identidade feminina. Como implicação para a prática pedagógica, destaca-se a relevância de propostas contextualizadas e representativas na EJA, contribuindo para um ensino mais significativo, crítico e inclusivo.

1. Introdução

Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma importante modalidade de ensino, atravessada por histórias marcadas por interrupções, retornos e reconstruções, voltada à inclusão de sujeitos que, por diferentes motivos, não concluíram ou tiveram sua aprendizagem escolar interrompida na idade regular. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver práticas que dialoguem com a realidade do estudante, como proposto por Paulo Freire (1996), que afirma que todo conhecimento é válido e que devemos partir do conhecimento do aluno para uma educação transformadora e autônoma.

A escolha da temática justifica-se pela necessidade de promover reflexões acerca do papel social, histórico e cultural das mulheres, bem como dar visibilidade às suas contribuições, muitas vezes invisibilizadas durante o mês de março de 2026, referente ao mês da mulher. Além disso, em uma turma predominantemente feminina, trabalhar essas questões contribui para o fortalecimento da identidade e da representatividade das estudantes.

Dessa forma, o trabalho teve como objetivo valorizar a presença feminina na literatura e na sociedade, além de estimular o pensamento crítico e reflexivo por meio de atividades que abordam autoras relevantes, os direitos das mulheres e aspectos históricos relacionados ao Dia Internacional da Mulher.

2. Fundamentação teórica

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como uma modalidade de ensino voltada, sobretudo, às populações historicamente excluídas do acesso à educação formal, marcadas por desigualdades sociais e pela necessidade precoce de inserção no trabalho. Nesse sentido, “a EJA é uma modalidade de ensino que busca atender principalmente as populações menos favorecidas, [...] se configurando como uma importante medida socioeducativa contra o analfabetismo e em favor da continuidade dos estudos das camadas populares” (QUARESMA; PANTOJA, 2019, p. 4).

Sob essa perspectiva, a prática pedagógica na EJA deve estar fundamentada em uma educação crítica e emancipatória. Conforme Paulo Freire (1987; 1996), o educador deve estimular a curiosidade, a autonomia e a capacidade crítica dos educandos, rompendo com uma educação “bancária” e promovendo o diálogo como

elemento central do processo educativo. Assim, o ensino deve partir das vivências dos estudantes, valorizando seus saberes e promovendo a problematização da realidade social.

Nesse sentido, a professora escritora e ativista feminista que luta pela igualdade de gênero traz o conceito de uma pedagogia engajada, no qual o professor deve promover uma educação que os alunos sejam protagonistas na sua formação (Bell Hooks, 1994). Com isso, a educação precisa valorizar os saberes culturais dos estudantes a partir de uma perspectiva emancipatória.

A valorização da escrita como instrumento de expressão e transformação social pode ser evidenciada na obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, de Carolina Maria de Jesus. Em seu diário, a autora retrata o cotidiano na favela, expondo as desigualdades sociais, a fome e as condições de vida à margem da sociedade, a partir de sua própria experiência enquanto mulher negra, periférica e mãe solo.

Sua escrita rompe com o silenciamento histórico de sujeitos marginalizados, dando visibilidade a realidades frequentemente ignoradas. Nesse sentido, a leitura e a produção escrita assumem um papel fundamental na educação, especialmente na EJA, ao possibilitar que os educandos se reconheçam como sujeitos capazes de narrar suas próprias histórias e interpretar criticamente o mundo em que vivem.

Assim, trabalhar a trajetória e a obra de Carolina Maria de Jesus em sala de aula vai além da abordagem literária, constituindo-se como uma prática pedagógica que promove representatividade, identificação e reflexão social. A escrita, nesse contexto, deixa de ser apenas uma habilidade técnica e passa a ser compreendida como ferramenta de emancipação, em consonância com a perspectiva freireana de educação, que defende a leitura do mundo como elemento central do processo educativo. (Freire, 1987)

Nesse contexto, a abordagem da temática das mulheres na educação se mostra fundamental, especialmente em turmas majoritariamente femininas, como forma de promover representatividade e reconhecimento. A discussão sobre os direitos das mulheres articula-se com princípios estabelecidos por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), que reconhece direitos fundamentais, entre eles: o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à educação, à saúde, à participação política e à não submissão a qualquer forma de violência.

No contexto brasileiro, esses direitos são assegurados e ampliados por legislações específicas, como a Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que estabelece mecanismos de prevenção e combate à violência doméstica e

familiar contra a mulher, e a Lei nº 13.104/2015, que tipifica o feminicídio como crime hediondo. Além disso, a legislação trabalhista garante direitos fundamentais, como igualdade salarial, licença-maternidade, estabilidade gestacional e proteção contra discriminação no ambiente de trabalho.

Dessa forma, trabalhar tais conteúdos no contexto da EJA contribui não apenas para a dimensão instrumental, mas também para a formação crítica dos sujeitos, possibilitando que compreendam seus direitos e se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias.

3. Procedimentos metodológicos

A partir de intervenções pedagógicas planejadas e executadas pelas bolsistas, tendo como temática “Mulheres que inspiram”, foram desenvolvidas atividades que envolveram apresentações expositivas, com o uso de recursos audiovisuais, leitura coletiva e atividades interativas, realizadas por meio de discussões e práticas participativas.

No que se refere aos conteúdos trabalhados, destaca-se o uso da Língua Portuguesa, por meio da abordagem de diferentes gêneros textuais, com ênfase na produção de bilhetes, em atividades de leitura e interpretação de texto, além da escrita coletiva e individual, respeitando os diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes.

Também foram trabalhados conteúdos relacionados à História, no eixo de contextualização histórica do Dia Internacional das Mulheres, possibilitando a compreensão de fatos históricos e sociais. Além disso, foram abordadas noções de direitos e cidadania, por meio da discussão sobre a legislação e os direitos das mulheres, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e ativos.

A interdisciplinaridade também esteve presente nas atividades, como na produção de autorretratos inspirados em referências artísticas de Frida Kahlo (Fink, 2016; Zambujal, 2019), trabalhadas em sala de aula, estabelecendo um diálogo entre Arte e Língua Portuguesa. Essa proposta teve como objetivo ampliar as formas de expressão dos estudantes, possibilitando que representassem suas vivências, emoções e percepções por meio de diferentes linguagens.

Além disso, foram desenvolvidas atividades lúdicas, com a utilização de jogos e quizzes, com o objetivo de tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico, leve e interativo, fortalecendo o engajamento e a participação dos estudantes.

Destaca-se ainda o trabalho com elementos da autobiografia, referenciando a trajetória artística e de vida das autoras trabalhadas como Ensinando a Transgredir de

Bell Hooks (2013), Frida Kahlo Para meninas e meninos (Fink, 2016), Laura e Lucas Descobrem Frida Kahlo (Zambujal, 2019) e Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus (2014). incentivando os estudantes a refletirem e expressarem suas próprias vivências. Esses elementos favoreceram a relação entre suas histórias de vida, os conteúdos abordados em sala de aula e a construção do pensamento crítico para a transformação da realidade.

A metodologia priorizou a participação ativa dos estudantes, buscando dialogar com as contribuições de Paulo Freire (1987; 1996). Para o autor, a educação deve ser libertadora, na qual educador e educando aprendem juntos em uma relação horizontal, ressaltando a importância de uma relação de trocas mútuas, entre educar e aprender, pois ambas coexistem, sendo o diálogo um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

4. Discussão

A atividade foi planejada em referência ao Dia Internacional da Mulher e se estendeu durante todo mês de março, com a intenção de promover aos alunos o conhecimento sobre o protagonismo das mulheres na história do mundo. Nesse contexto, uma das inserções trabalhou o tema “feminismo” a partir da ótica de Bell Hooks (2013), mulher negra, professora, escritora, filósofa e militante na luta pela igualdade de gênero.

Assim, a inserção foi orientada por uma questão norteadora: “Como trabalhar o feminismo em sala de aula?”. A partir disso, foi pensada uma aula dialógica, na qual os alunos pudessem expressar suas concepções acerca do tema e, com base nesses saberes, problematizá-lo, refletindo sobre sua relação com a realidade e possíveis formas de transformação. Ou seja, discutir como o feminismo atua no combate à violência, à desigualdade, ao machismo, ao sexismo e à opressão às mulheres. Além disso, também foi considerado importante trabalhar o significado desses conceitos, uma vez que eles fundamentam o movimento feminista.

Na elaboração da aula, também se pensou em abordar o feminismo a partir do olhar de uma mulher negra, como forma de valorizar as contribuições do conhecimento negro, historicamente desvalorizado e invisibilizado. Além disso, dados do IBGE (2019) e de outros institutos de pesquisa indicam que mulheres negras (pretas ou pardas), no Brasil, sofrem maior incidência de violência e desigualdade social. Nesse sentido, considerou-se fundamental trabalhar essa temática à luz das ideias de Bell Hooks.

A turma da EJA é organizada em Termo I, com alunos em processo de alfabetização, e Termo II, com alunos já alfabetizados. Apesar disso, o tema foi trabalhado de forma integrada por meio de roda de conversa, estimulando o pensamento crítico. Em seguida, foi apresentada a professora e escritora Bell Hooks, mediando o diálogo a partir das compreensões dos alunos.

Por fim, as atividades foram adaptadas conforme os níveis: no Termo I, os alunos realizaram atividades de reconhecimento de palavras trabalhadas em sala, por meio de caça-palavras; já no Termo II, responderam questões relacionadas ao tema, articulando-o com a realidade atual.

Observou-se, durante a aula, um significativo engajamento dos alunos, que inicialmente trouxeram suas próprias perspectivas e, ao longo da aula, ampliaram sua compreensão sobre o feminismo. Alguns apontaram que suas concepções anteriores estavam equivocadas. Além disso, uma aluna destacou positivamente a aula, afirmando que conseguiu compreender o conteúdo trabalhado. Assim, percebeu-se que iniciar a aula com uma roda de conversa foi um fator fundamental para o envolvimento da turma.

A próxima atividade foi planejada para apresentar a vida e obra da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (2014). A proposta buscou apresentar aos estudantes a trajetória de uma mulher negra, pobre e periférica, que, por meio da escrita, abordou temas como desigualdades sociais e deu visibilidade à realidade das favelas no Brasil.

Os alunos anteriormente tinham lido, junto à professora regente, a obra da autora, intitulada Quarto de Despejo, então já possuíam conhecimento prévio do livro e, a partir dessa atividade, puderam conhecer mais a respeito da autora, que nasceu no ano de 1914, em Minas Gerais, e viveu grande parte de sua vida em condições de extrema pobreza na favela do Canindé, em São Paulo. Mesmo com pouca escolaridade, desenvolveu o hábito da escrita e registrava em cadernos o seu cotidiano, marcado pela fome, desigualdade e a luta por sobrevivência. Ao longo do tempo, a obra alcançou números impressionantes, estimando-se que tenha ultrapassado a marca de um milhão de exemplares vendidos.

A atividade iniciou-se com uma apresentação sobre a biografia da autora, contando sobre sua infância, seus sonhos, seus estudos e seu sucesso. Foi perceptível que os alunos se engajaram durante a atividade, sempre admirados com a história de vida dela, comentando o fato de ela ter sofrido durante sua vida, mas ter corrido atrás de seus sonhos para realizar o desejo de se tornar autora. Muitos demonstraram interesse pela história da autora e se identificaram com os aspectos de sua trajetória. Após a apresentação, foi proposto que os alunos realizassem a escrita de um bilhete,

que poderia ser destinado a alguma aluna da sala, à professora ou a uma mulher presente em sua vida.

Os bilhetes continham recados de incentivo para estudar, seguir sonhos e carreira. Para os alunos do Termo I, as pibidianas auxiliaram na escrita na lousa, havendo inclusive produções coletivas. Já os alunos do Termo II escreveram com autonomia, ficando livres para se expressar da maneira que desejassem.

Um fato marcante foi o de um aluno que escreveu um bilhete para sua esposa, incentivando-a a continuar seus estudos, sendo que ela é aluna na mesma sala.

Do ponto de vista teórico, a atividade dialoga com as contribuições de Paulo Freire, especialmente no que se refere à educação como prática libertadora. Segundo o autor, a educação deve partir da realidade dos educandos, valorizando os seus saberes e promovendo a conscientização crítica. “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Nesse sentido, trabalhar a obra de Carolina Maria de Jesus possibilitou não apenas o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, mas também a reflexão sobre a realidade social, incentivando os alunos a se reconhecerem como sujeitos de sua própria história. Dessa forma, a atividade contribuiu para fortalecer a importância da educação como instrumento de transformação social, evidenciando que a escrita pode ser uma poderosa ferramenta de expressão, resistência e mudança.

Como parte das inserções do mês, também foi realizada uma atividade com foco na trajetória da artista Frida Kahlo (Fink, 2016; Zambujal, 2019), ampliando o repertório das estudantes para além da literatura, alcançando o campo das artes visuais e da expressão subjetiva. A aula teve como eixo a apresentação de sua vida e obra, articulando elementos biográficos, contexto histórico e análise estética.

A proposta não se configurou como uma aula exclusivamente expositiva, mas como uma experiência expositivo-dialogada, mediada por diferentes recursos. Inicialmente, foram organizados na lousa pontos centrais da vida da artista, construídos a partir de duas referências bibliográficas. Paralelamente, foram distribuídos cartões com imagens de suas obras, inspirados pela abordagem montessoriana e organizados conforme a narrativa apresentada, favorecendo o contato direto com a produção artística. Essa escolha metodológica fundamenta-se na compreensão de que materiais concretos e visualmente organizados contribuem para a construção ativa do conhecimento, favorecendo autonomia e envolvimento no processo de aprendizagem, uma vez que, na perspectiva de Maria Montessori, o aprendizado se fortalece quando o

sujeito interage diretamente com os objetos de conhecimento, mobilizando percepção, sensorialidade e investigação (MONTESSORI, 1987).

Durante a aula, observaram-se momentos de forte envolvimento dos alunos, especialmente quando a narrativa destaca aspectos mais íntimos da vida da artista, como suas dores físicas e emocionais. Nesse contexto, emergiram manifestações de empatia e identificação com sua trajetória. No entanto, ao serem introduzidos aspectos relacionados à diversidade, ao engajamento político e ao posicionamento feminista da artista, perceberam-se manifestações de maior resistência por parte da turma. Tal movimento pode ser compreendido à luz das contribuições de Paulo Freire, ao considerar que os sujeitos constroem suas leituras de mundo a partir de experiências sociais, culturais e históricas. Assim, o estranhamento diante de determinadas temáticas e expressões artísticas evidencia trajetórias de vida marcadas por valores e formas de compreensão socialmente constituídas, reforçando a importância do diálogo e da problematização no processo educativo (FREIRE, 1980).

Obras como *Meu Nascimento (1932)* e *As Duas Fridas (1939)* ampliaram o estranhamento ao abordarem corpo, identidade e subjetividade feminina de maneira pouco convencional. Destaca-se que Frida Kahlo rompeu normas sociais de sua época, tensionando padrões de gênero e sexualidade, o que contribuiu para o desconforto observado, mas também abriu espaço para reflexão e problematização (Fink, 2016; Zambujal, 2019).

Também provocaram impacto obras como *A Coluna Partida (1944)*, *Hospital Henry Ford (1932)* e *O Veado Ferido (1946)*, especialmente por abordarem de forma explícita dor, corpo e subjetividade. Tais momentos de tensão, longe de representarem obstáculos ao processo educativo, configuraram-se como oportunidades pedagógicas, evidenciando o encontro entre diferentes visões de mundo. Nesse sentido, a mediação docente mostrou-se fundamental para sustentar o diálogo, acolher as reações e ampliar horizontes de compreensão.

Observou-se ainda que os alunos do sexo masculino demonstraram menor interesse inicial na observação dos cartões, embora tenham permanecido atentos à narrativa e participado da atividade proposta.

Como atividade final, foi proposta a produção de um autoretrato inspirado no surrealismo presente na obra de Frida Kahlo (Fink, 2016; Zambujal, 2019), com o objetivo de expressar emoções, pensamentos e vivências. Nesse momento, notaram-se diferentes níveis de apropriação da proposta. Alguns estudantes apresentaram

dificuldade em traduzir aspectos subjetivos em linguagem visual, optando por desenhos mais convencionais ou pela reprodução da própria artista.

A última inserção teve como propósito dar fechamento à temática do mês das mulheres, conversando com os estudantes sobre a origem do Dia Internacional das Mulheres, buscando dar sentido ao porquê de trabalharmos essa temática ao longo do mês de março de 2026. Iniciamos a aula de forma dialogada, com o uso de recurso visual, contando sobre a história do dia 8 de março de 1857, quando operárias de uma fábrica de tecidos, que reivindicavam melhores condições de trabalho, reivindicando por direitos, realizaram uma greve e foram gravemente reprimidas com violência, sendo trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. A intenção foi mostrar que essa data vai muito além de uma comemoração, sendo, na verdade, um marco de resistência de mulheres que enfrentaram diferentes formas de opressão e silenciamento ao longo da história.

A partir dessa conversa, trouxemos para o contexto atual alguns pontos que ainda precisam ser debatidos e enfrentados, dentre eles a desigualdade salarial, a violência de gênero, o machismo presente na sociedade e a necessidade de maior representatividade da presença feminina em espaços de poder e decisão. Os alunos participaram trazendo opiniões, experiências e reflexões, o que tornou o momento ainda mais significativo.

Também abordamos a legislação, destacando a importância das leis de proteção à mulher, explicando de forma acessível suas funções e objetivos, como a Lei nº 11.340/2006 Maria da Penha, a Lei nº 13.104/2015 do Feminicídio e os direitos trabalhistas durante a maternidade. Apresentamos também orientações sobre a importância de buscar ajuda em situações de risco, indicando canais de proteção à mulher, como a Delegacia da Mulher, o 180, a Polícia Militar (190), o Disque 100 e o sinal universal de socorro com a mão, o que despertou bastante interesse e curiosidade nos alunos.

Para tornar a aula mais leve, participativa e interativa, desenvolvemos um quiz sobre invenções marcantes da história. Os alunos foram convidados a opinar sobre quem havia criado determinados objetos e, na correção, apresentamos informações importantes sobre as inventoras, destacando também a participação das mulheres, muitas vezes pouco reconhecidas. Esse momento gerou bastante risadas, descontração e troca de ideias.

De modo geral, foi possível perceber que atividades mais dinâmicas e que abrem espaço para o diálogo favorecem muito o envolvimento da turma. Os estudantes

participaram, questionaram e se mostraram interessados, o que reforça a importância de propostas que façam sentido para a realidade deles e permitam essa troca mais próxima dentro da sala de aula.

5. Resultados obtidos

As práticas desenvolvidas ao longo do mês evidenciaram um conjunto de resultados significativos no que se refere ao envolvimento, participação e ampliação do repertório dos estudantes da EJA.

De modo geral, foi possível observar um aumento no engajamento dos estudantes, especialmente nas atividades que partiram da escuta e da valorização das experiências dos próprios alunos, como as rodas de conversa. Nessas situações, os estudantes se mostraram mais dispostos a participar, compartilhar vivências e construir sentidos coletivamente, o que reforça a importância de uma abordagem dialógica, conforme proposto por Freire (1987).

Na proposta que abordou a pauta do feminismo na perspectiva de Bell Hooks (2013), observou-se que os alunos ampliaram suas compreensões iniciais, revisitando concepções e, em alguns casos, reconhecendo equívocos anteriores. Esse movimento indica a construção de um olhar mais crítico sobre a realidade social, especialmente no que se refere às desigualdades de gênero.

Na atividade com a obra de Carolina Maria de Jesus (2014), destacou-se a identificação dos estudantes com a trajetória da autora, o que favoreceu não apenas o interesse pela leitura, mas também a valorização da escrita como forma de expressão. A produção dos bilhetes evidenciou a mobilização afetiva dos alunos, especialmente ao relacionarem o conteúdo com suas próprias vivências.

Já na inserção com a trajetória e obras de Frida Kahlo (Fink, 2016; Zambujal, 2019), notou-se uma forte mobilização emocional, marcada pela empatia diante da trajetória da artista. Ao mesmo tempo, emergiram desafios importantes, como a resistência diante de temas relacionados à diversidade e a dificuldade de alguns estudantes em traduzir aspectos subjetivos em linguagem artística. Ainda assim, a proposta favoreceu a criação de um ambiente acolhedor, no qual os estudantes interagiram, compartilharam ideias e se mostraram à vontade para se expressar, evidenciando a construção de um espaço seguro para a experimentação.

De forma efetiva, as vivências indicam que práticas que articulam diálogo, afetividade e contextualização contribuem para uma aprendizagem mais significativa,

ainda que marcada por tensões, desafios e diferentes tempos de apropriação por parte dos estudantes.

6. Conclusões

Diante do exposto, a partir de relatos de experiências, a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos estudantes, valorizando suas vivências, saberes e trajetórias como ponto de partida para a aprendizagem. Com premissa central de Paulo Freire (1996, p. 23) “não há docência sem discência”, evidencia que o processo educativo se constrói de forma mútua, em que educador e educando aprendem juntos, por meio do diálogo e da troca de conhecimentos.

A experiência desenvolvida ao longo do mês reafirma a importância de propostas pedagógicas que considerem a realidade dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo suas vivências, saberes e trajetórias como base para a aprendizagem.

As atividades evidenciaram que estratégias baseadas na participação e na construção coletiva favorecem o envolvimento dos alunos, ampliando as possibilidades de expressão e contribuindo para a elaboração de reflexões mais críticas sobre os temas trabalhados. Ao longo das inserções, foram percebidos avanços na compreensão dos estudantes acerca de questões como feminismo, direitos das mulheres e representatividade, ainda que marcados por diferentes tempos de assimilação e por momentos de resistência.

As abordagens que articularam literatura e arte, especialmente a partir das trajetórias de Carolina Maria de Jesus (2014) e Frida Kahlo (Fink, 2016; Zambujal, 2019), possibilitaram tanto processos de identificação quanto de estranhamento, contribuindo para a ampliação do repertório cultural e para a problematização de diferentes formas de ver e compreender o mundo.

Nessa perspectiva, as contribuições de Paulo Freire (1987) se evidenciam ao longo da prática, ao compreender o processo educativo como um movimento relacional, no qual ensinar e aprender se constituem de forma mútua e contínua. Em diálogo com essa perspectiva, a abordagem de Bell Hooks (2013) reforça a educação como prática de liberdade, atravessada pelo compromisso com a equidade, a escuta e a valorização das vozes historicamente silenciadas.

Por fim, conclui-se que o trabalho com temáticas sociais na EJA demanda intencionalidade pedagógica, sensibilidade e abertura ao diálogo, especialmente diante de questões que mobilizam valores e concepções diversas. Ao mesmo tempo, revela-

se como um caminho potente para a construção de uma educação mais crítica, significativa e comprometida com a formação de sujeitos capazes de refletir e intervir em suas realidades.

7. Principais referências

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 28 abr. 2026.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Cartilha: direitos da mulher trabalhadora*. Brasília, DF: MTE, [s.d.]. Disponível em: https://share.google/qFMAQUwqj4d612YXs. Acesso em: 28 abr. 2026.

CORREIO BRAZILIENSE. IBGE: mulheres negras sofrem mais violência do que as brancas. *Correio Braziliense*, Brasília, 8 mar. 2024. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/03/6815304-ibge-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-do-que-as-brancas.html. Acesso em: 30 abr. 2026.

FINK, Nadia. *Frida Kahlo para meninas e meninos*. Tradução de Sieni Maria Campos. Florianópolis: Sur Livro; Chirimbote, 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Resumo da Lei Maria da Penha*. Fortaleza: Instituto Maria da Penha, [s.d.]. Disponível em: https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/resumo-da-lei-maria-da-penha.html. Acesso em: 28 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 7 maio 2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas. Acesso em: 18 maio 2026.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MONTESSORI, Maria. *A mente absorvente*. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

QUARESMA, Rafael de Jesus Corrêa; PANTOJA, Gracilene Ferreira. Educação de jovens e adultos: desafios e perspectivas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONUDE), 6., 2019, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2019.

ZAMBUJAL, Isabel. *Laura e Lucas descobrem Frida Kahlo*. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2019.